O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

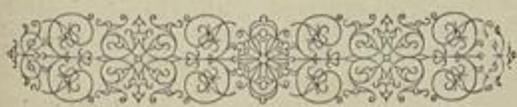
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 312

21 DE AGOSTO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A população de Lisboa está vivamente impressionada e profundamente indignada com um crime infame e cobarde praticado ha noites no coração da cidade, no sitio mais central — no Rocio.

Historiemos rapidamente o crime, para os nossos leitores que não vivem em Lisboa; porque os outros conhecem-n'o minuciosamente em todos os seus promenores pelas noticias *detalhadas* dos jornaes, que n'estes dias tem feito d'esse crime o seu artigo *á sensation*, e tem sido devorados com avidez por todo o publico.

No domingo ás duas horas da noite, o sr. D. José Rodriguez, um violinista hespanhol, que fazia parte da orchestra do theatro da Trindade, e era casado com a 1.ª tiple D. Dorinda Rodriguez, a *estrella* da companhia de zarzuela, que este verão está funccionando n'aquelle theatro, depois de ter ceiado na cervejaria do Leão de Ouro, na rua do Principe, com sua mulher, com D. Frederico Sanchez, director technico d'essa companhia, e D. Valentina Garcia, mulher d'este, tambem cantora da zarzuela, e outros artistas da mesma companhia, atravessou o Rocio, com todos estes seus companheiros, em direcção a sua casa que era na rua do Contemporaneo — antiga rua do Arco da Graça.

Quando chegaram ao pé da tabacaria Neves, D. José e o seu rancho foram assaltados por uma turba de cocheiros e de malandros, que depois de lhes offerecerem com uma insistencia impertinente os seus trens, começaram a dizer chufas insolentes e grosseiras ás duas damas hespanholas.

Os homens que acompanhavam essas senhoras responderam energicamente aos dichotes fadistas, e travou-se uma altercação que terminou pela chegada d'uns policias.

O pequeno tumulto serenou, os cocheiros e os faias afastaram-se resmungando obscenidades e insolencias, ao passo que as duas hespanholas censuravam justamente indignadas o atrevimento d'aquelles malandros e a falta de policia d'esta cidade, que deixa ser assim insultadas umas senhoras, que atravessam socegadamente com seus maridos uma das principaes praças da cidade.

Os policias com uma grosseria e uma má creação — que demonstram bem a comprehensão que elles tem do seu serviço, e a sua educação policial — reprehenderam e ameaçaram ainda em cima as duas senhoras hespanholas, intimando-as a que se calassem.

Entretanto o marido de D. Dorinda Rodriguez, naturalmente indignado por alguma das phrases que os malandros, que tinham insultado sua mulher, iam resmungando, correu sobre elles de bengala levantada.

Os malandros fizeram-lhe frente e a altercação renovou-se.

Os policias que estavam ali — os taes policias que tinham malcreadamente reprehendido as duas hespanholas — intervieram, mas intervieram da maneira mais desgraçada e inhabil.

Em vez de agarrarem os fadistas e cocheiros provocadores, agarraram o hespanhol que se desaffrontava, e que já ao tempo tinha recebido traiçoeiramente a facada que o havia de matar.

E depois de o agarrarem começaram a revistal-o.

Quando lhe tocaram pelas alturas do figado, o hespanhol, sentindo pela primeira vez uma dôr violenta no sitio em que lhe tocavam, levou ali a mão rapidamente.

Os policias tomaram este movimento como feito para esconder qualquer arma, e com mau modo disseram-lhe:

— O que é lá isso, amigo!

E foram immediatamente apalpar o sitio onde o hespanhol levára a mão.

Foi então que viram que o homem estava banhado em sangue.

— Levei aqui uma facada, disse o hespanhol.

E assim era.

Um dos fadistas, vibrára-lhe uma navalhada ao ventre, com tal arte, que elle nem por isso déra no primeiro momento.

Ao ver seu marido banhado em sangue, D. Dorinda Rodriguez cahiu com um attaque nervoso n'um dos bancos do Rocio, ao passo que D. Frederico Sanchez corria atraz dos fadistas, que a são e salvo fugiam para as bandas de S. Domingos, e que a policia mettia o ferido n'um trem, para o conduzir ao hospital de S. José.

Quando ahi chegou,

CASTELLO DE VIDE — TORRE DE MENAGEM

(Segundo uma aguarella do sr. A. Acacio)

o medico do banco reconheceu que o ferimento era de summa gravidade, e o mesmo advinhára logo o pobre ferido, que já pelo caminho dissera a um dos seus amigos—que se sentia morrer.

E effectivamente d'ali a poucas horas, ás nove e meia da manhã de segunda feira, D. José Rodriguez expirava no hospital de S. José, n'um quarto particular que lhe mandára alugar o emprezario da companhia de zarzuela, o sr. Santos Junior.

Aqui teem em rapidas palavras a historia do crime do Rocio.

Como vêem, pelas circumstancias revoltantes, este assassinio era de natureza a impressionar profundamente toda a gente, a sobresaltar e a envergonhar Lisboa inteira, que consente, que tolera estes costumes selvagens, que permitte que no centro da cidade se pratiquem estes crimes brutaes, que tornam mais perigoso atravessar de noite a nossa capital, do que atravessar uma região de cafres.

Agora junte-se ao crime a posição em evidencia que actualmente occupa em Lisboa a viuva da victima e comprehender-se-ha toda a sensação enorme que esse crime causou.

Dorinda Rodriguez é uma actriz de muito talento e muito formosa, a *estrella*, a grande attração da companhia de zarzuela que está funccionando com grande exito na Trindade, e que n'este verão tem constituido o unico espectaculo da capital.

Pelos seus elevados dotes de cantora e de actriz, Dorinda Rodriguez tem tido enorme *successo* em Lisboa, *successo* de tal ordem, que está já escripturada por alto preço para a companhia portugueza d'opera comica do theatro Baquet, pela nova empreza que ali vae funccionar de setembro em diante, e que tem como director gerente o illustre maestro Cyriaco Cardoso, e como director de scena o talentoso actor Augusto de Mello.

Além de estar em plena evidencia pelo seu brilhante talento, a illustre artista hespanhola tem-se tornado tambem tristemente notavel pela sua extraordinaria desgraça.

Ha pouco mais d'um mez que está em Lisboa, e já depois d'aqui estar, morreu-lhe seu pae, e morreu-lhe de bexigas negras um filhinho que ella adorava.

Estas duas mortes quasi que seguidas, estas duas profundas dôres que com tão curto intervallo pungiram o coração da pobre artista, causaram deploravel e piedosa impressão em toda a gente.

E em cima d'estes dois golpes terriveis, a morte desastrosa de seu marido, e como se tudo isso não bastasse ainda, minutos depois de lhe ter chegado do hospital de S. José a lugubre noticia do fallecimento de seu esposo, chegava-lhe de Hespanha um telegramma, participando-lhe a morte d'um outro filhinho que ali tinha.

E como a *mater dolorosa*, a jovial actriz da *Gran Via*, a formosa e alegre Paloma do *Barberillo*, agora coberta de lucto e banhada em pranto, póde dizer:—Vejam se ha dôr egual á minha dôr.

Se D. José Rodriguez tivesse morrido d'uma doença qualquer, em vez de ter morrido d'uma facada, a sua morte, dadas todas essas circumstancias—felizmente excepcionaes—teria causado sensação em Lisboa; comprehende-se bem o que seria então uma vez que essa morte foi resultante immediata d'um crime infame, brutal, selvagem, que não tem a explical-o senão a indole barbara d'uma raça vil e torpe, e o desleixo imperdoavel, a incuria enorme da nossa policia civil.

E por isso, ao mesmo tempo que todos os labios teem uma palavra de dó e de compaixão pela desgraça que feriu tão violentamente essa infeliz artista, todos os labios teem tambem phrases duras da mais santa indignação contra esse assassino infame, e contra a tibieza e a inhabilidade da policia que os permitte.

Porque a verdade é esta:—o crime do Rocio é o fructo fatal, inevitavel da incuria, do desleixo, da ignorancia com que a policia da cidade é feita.

A policia tem obrigação de conhecer, e conhece toda essa enorme legião de vadios, de gatunos e de fadistas que infesta a cidade; conhece-a e deixa-a florescer á vontade.

Sabe onde são todos os ninhos, todos os poisos d'essa malandragem abjecta e perigosa e tanto sabe, que quando se pratica algum crime corre a esses viveiros de assassinos e de ladrões, e quasi sempre lá encontra quem procura, e apezar d'isso respeita esses clubs dos vadios e dos faias como se fossem assembléas de gente seria e honesta legalmente instituidos.

A Mouraria e o Bairro Alto foram por muito tempo os estados d'essa população ignobil: hoje graças á incuria da policia essa população vae alargando os seus dominios, vae-se alastrando por toda a cidade.

E a policia deixa.

Toda a gente sabe onde os faquistas vivem, mesmo porque elles já nem sequer tem o cuidado de se occultar; certos da impunidade, senhores da capital, vivem aqui como em paiz conquistado: os cafés fadistas servidos por meretrizes da mais infima especie ostentam-se por todas as ruas da capital, ruidosamente, com as suas musicas desafinadas e tumultuosas com os seus *dilletanti* avinhados e bulhentos.

Tão depressa a noite estende o seu manto de sombra sobre a cidade, o fadista, o malandro, o assassino, o gatuno, são os reis de Lisboa.

A gente honesta, a gente pacifica, a gente seria tem de se fechar em suas casas, porque se atravessa as ruas e as praças, mesmo as mais centraes da cidade, está arriscada a cada passo a ser insultada pela gatunagem dando-se por muito feliz quando a troco do insulto não vem a facada.

Ora francamente isto não póde, nem deve continuar assim.

A medida está cheia, e é tempo da população decente e trabalhadora da cidade gritar á policia a quem paga e que isto consente:—Basta!

Se essa policia não sabe cumprir os seus deveres acabe-se com ella.

Assim é que isto não póde continuar.

No nosso codigo penal ha um artigo especial, que diz respeito aos vadios.

A policia que sabe perfeitamente onde elles param, que os apanhe a todos, e os tribunaes que façam os seus deveres, que executem a lei.

E se essa lei é differente, o governo que a modifique, que a amplie;—faz-se dictadura para tantas coisas inuteis, não é muito que se faça para isto, em nome do bem geral, em nome da tranquilidade de Lisboa, da honra da nossa civilisação.

Sob este ponto de vista, o Porto, sendo a segunda cidade do paiz, leva grande vantagem a Lisboa, que é a primeira, que é a capital.

No anno passado fômos ali por necessidade d'um romance que tinhamos entre mãos, estudar as ruas mais infames do Porto.

Andámos por todo esse bairro, frequentámos as viellas mais ignobeis, as espeluncas mais vis, e essas viellas, mesmo as mais abjectas, as mais immundas, são um paraizo, ao pé dos becos da Mouraria e das travéssas do Bairro Alto.

Principia, porque no Porto não se conhece o fadista.

A policia lá não o deixa medrar: O vadio é cortado em flor, e por isso nunca chega a dar fructo.

Em Lisboa, deixam-n'o crescer á vontade, deixam-n'o organisar viveiros, escolas, e d'ahi a propagação terrivelmente assustadora d'essa raça perigosa que hoje nos invade, e que nos faz suspirar pela Nau dos Quintos.

E' urgente acabar com isto: é urgente e não nos parece difficil:—cassem-se todas as licenças dadas aos botequins chamados de *lepes*, onde até madrugada, toda a malandragem de Lisboa se junta em descantes obscenos, esse alegre convivio com as rameiras mais ignobeis: acabe-se com essas vis sodomas em que ao anoitecer se transformam as principaes praças da capital, o Terreiro do Paço, o Rocio, a Patriarchal, S. Pedro de Alcantara, o Aterro, e agora a Avenida: ponha-se um termo a essas ranchadas de fadistas que estacionam pelas esquinas das travéssas do Bairro Alto, e dos becos da Mouraria: dê-se uma verdadeira caçada em fórma por toda a cidade ao fadista, ao vadio, ao gatuno, ao pedrasta; haja um bocadinho de presistencia, de energia, de rigor n'esse trabalho, e a policia terá prestado um relevantissimo serviço a Lisboa, a malandragem acabará dentro em pouco, e toda a população agradecida louvará o commissario de policia, o governador civil, e ministro do reino a quem dever a tranquillidade da sua vida, a segurança individual a que tem sacratissimo direito e que hoje está a todo o momento ameaçada por essa turba enorme, perigosa, e dia a dia mais insolente e ameaçadora.

Que assim seja!

A Camara dos Pares, constituida em Tribunal de Justiça, julgou no dia 18 do corrente o deputado Ferreira d'Almeida, preso ha perto de 4 mezes por ter dado uma bofetada, na sala da camara dos deputados, no ministro da marinha, caso que fez grande bulha em todo o paiz, e foi largamente discutido tanto no parlamento como na imprensa.

O tribunal por maioria deu como provado que o sr. Ferreira d'Almeida, 1.º tenente da armada, aggredira corporalmente o seu superior militar, mas sem ser em serviço, e sendo provocado ou assim se considerando; e condemnou o réu a 4 mezes de prisão, levando-lhe em conta a prisão já soffrida.

Em vista d'esta sentença o sr. Ferreira d'Almeida estará ainda preso mais 19 dias, sendo depois restituido á liberdade.

E assim terminou este deploravel incidente que tanto ruido fez na nossa terra.

Foi advogado do sr. Ferreira d'Almeida o sr. Luciano Monteiro, que n'uma oração brilhantissima fez prova do seu grande talento e dos seus notabilissimos recursos oratorios.

O sr. Luciano Monteiro é um dos nossos mais distinctos advogados e o seu grande talento reserva-lhe um lugar proeminente na advocacia portugueza.

A sua defeza do sr. Ferreira d'Almeida foi uma verdadeira obra prima e pôl-o rapidamente em evidencia.

Nós já conheciamos alguns trabalhos do illustre advogado—entre elles, o libello da causa da viuva do sr. conselheiro Braamcamp—que eram provas eloquentes do seu alto talento e das suas brilhantes aptidões.

Gervasio Lobato.

CASTELLO DE VIDE

Assignar uma data precisa, ou pelo menos approximada, á fundação da villa de *Vide*, depois *Castello da Vide* e hoje *Castello de Vide*, é uma temeridade, que nem o profundo investigador e eminente historiador Alexandre Herculano ouzou commetter.

Este consciencioso escriptor duas vezes se refere a Castello de Vide na sua Historia de Portugal: na primeira diz, fallando do Crato «que já em 1232, mais para o nordeste do Crato, se haviam lançado os fundamentos de outro logar forte, o Castello de Vide»; na segunda refere que em 1276 o alcaide e juizes de Castello de Vide mandavam, por auctoridade sua, passar ao Prior do mosteiro de Moreira um instrumento contendo o testamento de um cavalleiro, qualquer e ordenavam que se authenticasse com o sello municipal.

Ha muito quem sustente que Castello de Vide já existia ao tempo da dominação romana. Os que lhe dão tão remota origem, querem que o seu Castello seja muito anterior ao reinado de D. Diniz, e dizem que este monarcha só lhe edificou a torre da menagem, e fez alguns reparos. Outros, porém, pretendem que foi el-rei D. Diniz o fundador do Castello, e que desde então se ficou chamando a povoação Castello de Vide.

Sobre a etymologia do nome, dizem os primeiros, que provém da sua posição junto da raia de Hespanha chamando-se nos tempos antigos Villa de Vide, por abreviação de Villa que divide, isto é, que separa um reino do outro.

Os segundos teimam, que o seu nome deriva de uma vide, que plantaram chegada á porta do castello, logo que acabaram de o construir. E confirmam esta opinião com o brazão de armas da villa, que é um escudo, tendo no meio um castello cercado por uma vide com seus cachos e parras.

Foi senhor d'esta villa o infante D. Affonso, irmão de el-rei D. Diniz; e nas discordias, que os dois tiveram entre si, foi por vezes theatro Castello de Vide d'esta lucta, querendo D. Affonso a todo o custo cercal-a de muros, e impedindo-lh'o com tropas el-rei D. Diniz. Mais tarde veiu a construir-se a sua cêrca de muralhas com quatro portas. Outr'ora tinha voto em côrtes com assento no banco decimo primeiro.

Pedro Annes deu-lhe foral em 1180, D. Diniz em 1310 e D. Manuel, em Lisboa, no primeiro de junho de 1512.

Na *Memoria Historica* da notavel villa de Niza vem uma concordata do theor seguinte:

«No anno de 1278 em concordata entre os bispos, d'Evora, D. Martinho, e da Guarda, D. Rodrigo, sendo juizes compromissarios por parte d'aquelle Paio Peres, deão d'Evora, e d'este Pedro Martins, e pelos cabidos, Lourenço Paes, conego d'Evora, e Martim Peres Gordo, da Guarda, feita em Torregena, sendo testemunha entre outros D. Fagundo, assentaram ficassem sendo do bispado d'Evora as villas de Elvas, Arronches, Assumar, Alter do Chão, Monforte, Crato, Arez, Amieira, e seus termos, e as de Niza, Mon-

talvão, Alpalhão, Castello de Vide, Marvão, Portalegre, Alegrete, Códeceira, Albuquerque e seus termos na Guarda. Esta concordata acha-se no livro original do cartorio do cabido d'Evora.»

E mais adeante:

«Havia El-Rey D. Affonso terceiro por carta regia de onze de outubro de 1270 dado a seu filho Affonso Sanches as villas de Portalegre, Marvão e Vide, confirmando esta doacão no seu testamento para ser mais respeitada e valiosa: era n'este tempo ainda a villa de Vide um logar aberto, sem muro nem castello, nem fortificação alguma, e como era na fronteira de Hespanha pretendeu o infante fortifical-a com as precisas obras e reparos: soube-o el-rei D. Diniz, que já não levava a bem que o infante possuisse tantas terras e senhorios e mandou intimal-o para não continuar: respondeu elle com brios de principe, allegando que cada donatario podia nas suas praças fazer as fortificações que entendesse, e que estando por isso no seu direito, não podia d'elle ser esbulhado sem insolencia manifesta; e continuaria a fortaleza com mais actividade e promptidão, mas porque conhecia o genio e a dignidade do soberano, tratou logo de se preparar para a defeza, e recolheu-se a Portalegre, que era o seu melhor e mais seguro asylo, e porque já contava com longo assedio, mandou pelas terras vizinhas perguntar gente, mantimentos e forragens para abastecer a villa. Depois de varios successos D. Diniz perdôa ao irmão, 1281, mas com a condição de fazer demolir o castello e fortificações de Vide, que deram causa ao rompimento, e de lhe entregar a praça, que tão valente se mostrara na defeza do seu donatario, e estimou tanto D. Diniz este documento de honradez e patriotismo, que determinou por uma lei, que ella nunca mais saisse do dominio da corôa, pois que vassallos tão fieis e valorosos não deviam pertencer e pelejar senão pelo seu rei; deu-lhe porem Leiria e outras por ella: com estas condições e tratado acabou a guerra e D. Affonso fez a devida submissão pela seguinte carta: «Conheçam todos, que esta virem, que eu o infante D. Affonso, senhor de Marvão, Portalegre e Arronches prometto á boa fé a vós mui nobre senhor D. Diniz pela graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, derribar desde o dia de Paschoa até o de Pentecostes primeiro, que vem, tudo aquillo que de novo foi feito na torre de Vide, e no muro d'esse logar: em testemunho da qual cousa don a vós esta minha carta aberta e sellada: dada em Arronches aos 8 de fevereiro de 1282.—Domingos Barreiros a fez.»

Pelos excerptos transcriptos se poderá avaliar a difficuldade, senão a impossibilidade, de se conhecer a epocha da fundação da villa de Vide, e até mesmo a data da edificação das suas fortificações.

E ha ainda um documento historico de grande valor, o qual mais nos confunde.

Sobre a porta que dá entrada para a antiga villa está uma lápide com a inscripção seguinte:

«Em nome de Deus Amen. Era de 1365 annos se fez este castello. Era Senhor o mui nobre D. Affonso de Portugal filho do mui nobre Rey D. Diniz.»

Transferindo a éra de Cesar para a éra de Christo, sendo por aquella que sempre se contou até ao reinado de D. João I, vê-se que no anno de 1327, 2.º do reinado de D. Affonso IV, se pôz aquella lapide.

Mas nós já vimos por documentos, que parecem irrecusaveis, que o Castello é anterior a D Diniz; mesmo quasi todos elles conspiram para provar, que D. Affonso seu irmão augmentou e não principiou as fortificações do castello, por isso que em 1282 promette a D. Diniz derribar desde o dia de Paschoa até o de Pentecostes tudo aquillo que de novo foi feito na torre de Vide, e no muro d'este logar.

D. Diniz perdôa em 1281 a seu irmão, sob condição de fazer demolir o castello e fortificações de Vide, que deram causa ao rompimento, e de lhe entregar a praça, que tão valente se mostrou na defesa do seu donatario.

A concordata dos bispos prova que no anno de 1278, penultimo do reinado de D. Affonso III, já existia Castello de Vide. A auctorisadissima opinião de Alexandre Herculano dá como começadas as fortificações já em 1232, portanto como foi D. Diniz ou D. Affonso IV que fizeram o castello e fortificações da villa de Vide?!

A torre, muros e castello, a que allude o pacto entre os dous irmãos, D. Diniz e D. Affonso IV, são obra anterior a qualquer d'elles, e a lapide a que nos referimos foi provavelmente posta quando D. Affonso IV concluiu as fortificações do castello, as quaes pela sua natureza e extensão foram obra de muito tempo e dinheiro.

Emquanto á etymologia do nome—Castello de Vide—direi que os documentos mais antigos exarados nos livros do *Tombo* da camara são de 1310, e que em todos elles se diz *Castello da Vide* e não Castello de Vide. Esta circunstancia faz cahir pela base a hypothese de que a povoação se chamou Castello de Vide, porque ficando na fronteira de Hespanha dividia um reino do outro.

Tambem não é muito acceitavel a conjectura de que uma grande vide plantada junto á torre de menagem deu o nome á villa, visto que antes da edificação do castello, já a villa se chamava de Vide.

Foi D. Diniz, talvez, o primeiro rei de Portugal que veiu a Castello de Vide, e aqui passou a carta de arrhas á sua futura esposa D. Isabel, depois Santa Izabel, filha de Pedro III de Aragão, estando presentes os embaixadores d'este, os quaes foram recebidos com toda a magnificencia, apesar d'El-Rei se achar no Alemtejo em virtude da guerra com seu irmão D. Affonso.

A doação da villa de Obidos, Abrantes e Porto de Mós, foram as opulentas arrhas da futura esposa para quando fosse rainha.

A 14 de maio do memoravel anno de 1299, estava aqui D. Diniz, e a 15 do mesmo mez e anno confirmou os fóros e termos ao conselho de Castello de Vide, concedendo-lhe que fôsse sempre da corôa.

(Continúa).

Tavares Rosa.

O MUSEU INDUSTRIAL E COMMERCIAL DE LISBOA

I

Acha-se situado na ala poente da fachada principal do edificio da Casa Pia—formada por duas vastas galerias, uma terrea e outra no pavimento superior.

No museu industrial e commercial de Lisboa, cuja inauguração se realisou no dia 28 de julho proximo passado, acham-se dispostos e classificados milhares de specimens das principaes industrias do reino e estrangeiras. D'essas ultimas estão muito bem representadas, a Belgica, a França, a Allemanha, a Suissa, a Austria, a Russia, a Turquia, a Servia, o Haiti, o Brazil e além de outras nações, a Hungria cuja collecção é a mais variada e opulenta.

Consoante ao decreto de 24 de dezembro de 1883, quando geria a pasta das obras publicas o sr. Antonio Augusto de Aguiar, este museu bem como o do Porto, tem por fim adquirir e expor ao publico productos de industria e commercio com a competente indicação do nome do fabricante, origem ou procedencia, preço no local, despezas de transporte, mercados de consumo, e todos os esclarecimentos tendentes a facilitar a a sua acquisição e informar circunstanciadamente do seu valor e applicação.

Foi em 14 de janeiro de 1884 que os trabalhos de installação começaram, dirigindo-se convites por meio de circulares a diversos industriaes e enviando agentes a varios pontos a fim de se obterem não sómente os artefactos, mas as materias primas.

Logo á entrada do pavimento terreo acham-se representados os trabalhos de duas escolas industriaes e seis de desenho industrial. Esses trabalhos constam de desenhos geometricos, architectonicos e de ornato, plantas, perfis, modelos de machinas, perspectivas, modelações, córtes de madeiras, modelos de madeiramentos para cobertura de edeficios, etc.

As escolas que se acham assim representadas são:—escola industrial da Covilhã—*Campos de Mello;* escola industrial das Caldas da Rainha—*Rainha D. Leonor;* escola de desenho industrial de Alcantara—*Marquez de Pombal;* escola de de desenho industrial de Xabregas—*Affonso Domingos;* escola de desenho industrial de Portalegre—*Fradesso da Silveira;* escola de desenho industrial de Thomar—*Jacome Ratton;* e escola de desenho industrial de Torres Novas—*Victorino Damasio.*

São muitas as secções em que se acham classificados os variados pruductos collecionados e dispostos n'este museu, trataremos de algumas, sem seguirmos a ordem systematica.

A secção colonial apresenta os generos mais importantes das provincias ultramarinas, entre os quaes figuram algumas collecções de animaes, instrumentos de musica, objectos de madeira e de barro, armas indigenas, balaios e outros utensilios de verga, trabalhos em tartaruga. Nota-se tambem uma piroga, feita de um só tronco de uma arvore e uma tipoia e machila das usadas em Africa.

(Continúa).

João de Mendonça.

AS NOSSAS GRAVURAS

FAZENDA GRATIDÃO, NO DANDE

Comprimos hoje o que promettemos a paginas 91 do presente volume, no artigo a respeito da Fazenda Gratidão, publicando uma gravura representando o pessoal d'aquella fazenda, e o retrato do seu proprietario, o sr. Joaquim Martins da Cunha.

N'aquelle artigo descrevemos aquella famosa propriedade e a sua situação chorographica; agora resta-nos fallar da sua producção e pessoal.

Compõe-se este de cerca de duzentos trabalhadores, negros livres, dirigidos por seis empregados europeus.

A producção principal d'aquella propriedade é a aguardente, de que fabrica já 500 pipas por anno, indo esta producção n'um augmento progressivo. Cultiva tambem em larga escala o oleo de palma, e tem grandes plantações de canna.

A Fazenda Gratidão era ainda em 1869, quando falleceu o seu primeiro possuidor José Bernardo da Silva, uma propriedade pouco desenvolvida, mas o sr. Joaquim Martins da Cunha e seu irmão José, sobrinhos do fallecido, procuraram desde logo dar grande impulso á lavoura e dotal-a com todas as alfaias mais modernas, conforme o que já dissémos no citado artigo.

Dez annos depois fallecia o sr. José Martins da Cunha, e seu irmão o actual possuidor, encontrou-se só em campo a dirigir tão vasta propriedade.

Para qualquer espirito fraco, desanimado por vêr cahir a seu lado o companheiro de tantas lides, poderia ser fatal tão grande perda, mas o sr. Joaquim Martins da Cunha, animado pelo desejo de vêr prosperar o que com tanto trabalho tinha fomentado, proseguiu corajosamente, reuniu todo o esforço intellectual e phisico, e não só sustentou o que o esforço dos dois tinha conseguido, como ainda emprehendeu novos melhoramentos, que levou a cabo e que fizeram da Fazenda Gratidão a primeira propriedade agricola da provincia de Angola.

Esta presistencia no trabalho, n'um paiz pouco favoravel ao europeu pelo seu clima estranho, que todos temem e de que todos se afastam com mais ou menos quimerico receio, torna digno de todo o louvor o sr. Cunha, porque além de trabalhar para o seu interesse, trabalhou e trabalha para a riqueza da provincia, dando assim bom ensinamento aos que preferem vaguear ociosamente ou viverem n'um minguado circulo de parcos recursos, a procurarem o trabalho e a riqueza n'um paiz compensador.

O sr. Cunha, que nasceu em Gouveia no anno de 1850, foi para a Africa em 1868, contando apenas 18 annos de idade.

Tem passado alli os melhores dias da sua vida, no afan do trabalho, mas isso não depreciou a sua saude, porque tivemos occasião de o conhecer pessoalmente, e vimos que a sua apparencia é robusta e sadía. Temos conhecido mais pessoas a quem tem acontecido outro tanto, e tudo isto nos induz a que, sem encargos de consciencia, pugnemos pela emigração para Africa, porque, tambem é certo, só por meio d'essa emigração a Africa poderá desenvolver-se e civilisar-se, no que não irá pequena gloria para Portugal que tambem já civilisou o Brazil.

Saudemos e honremos, pois, os filhos de Portugal que vão dar o seu braço ao futuro imperio Africano, e saudemos, muito especialmente, os que tem a boa fortuna, de mais concorrerem para o seu engrandecimento.

CAIXA ECONOMICA OPERARIA

Labor omnia vincit, eis as palavras que deveriam encimar o esplendido edificio da *caixa economica operaria.*

As sociedades cooperativas, que tão largo desenvolvimento tem alcançado na Inglaterra, na Belgica, na Allemanha e na França, em Portugal difficilmente se tem conseguido que prosperem. E a rasão não está porque se não comprehendam as suas vantagens, mas unicamente porque estas instituições necessitam d'um trabalho especial e d'uma dedicação exemplar. E, cousa notavel que se deve registrar, as fórmas ou primeiros traços d'estas sociedades pertencem talvez de direito ao nosso paiz, como n'um estudo especial já demonstrámos.

A *caixa economica operaria* é a unica sociedade cooperativa de consumo, que em Portugal

Aquelles honrados operarios, que sacrificam todos os momentos livres da sua faina, contemplam hoje, cheios de legitimo orgulho, o fructo do seu trabalho, que os tornam benemeritos entre os seus associados.

A festa da sua sessão solemne realisada nos dias 14 e 15, é um facto brilhante na historia social. As suas salas formosamente adornadas estavam replectas de socios e de convidados.

Musica, flores e discursos aprimorados; nada faltou para enaltecer de virentes louros as frontes dos seus cooperadores.

Sentimos não podermos n'esta occasião acompanhar a gravura do edificio da caixa econo-

sobre a toalha de neve, e tão de neve que esfria todo o quadro, tom dominante em quasi todas as pinturas d'este artista.

Se avaliarmos separadamente cada uma das peças de que se compõe este quadro, encontramol-as soberbamente pintadas; o conjuncto, porém, não nos captiva, porque a composição dá-nos o effeito de um quadro cortado.

Falta de téla que tambem não abunda no «A passagem do comboio», um outro quadro do mesmo artista, a quem a baixeza tambem da tela parece ter influido para que as duas mulheres que estão sentadas sejam muito curtas de pernas.

MUSEU INDUSTRIAL E COMMERCIAL DE LISBOA

INAUGURADO NO DIA 28 DE JULHO DE 1887 — (Desenho de J. R. Christino)

demonstra d'um modo eloquente o poder e utilidade d'estas instituições.

Em 4 de junho de 1876, n'uma pequena casa da rua do Vigario, reuniram-se oito operarios para fundar uma associação cooperativa de credito. Mas, como foram incertos e limitados os seus primeiros passos! Quem diria que, decorridos onze annos, aquella sociedade havia de realisar a sua sessão solemne n'uma casa propria, n'um salão magestoso, como ha poucos em Lisboa! É um milagre, e que espanta e maravilha, e que prova eloquentemente o que é a economia, o que é o fructo do trabalho. Esta cooperativa, que tem por fim o credito e o consumo, poude, das parcellas dos seus lucros, distrahir um capital para erguer um edificio formoso, onde, além dos seus armazens para os generos de consumo e escriptorio, tem um gabinete de leitura e bibliotheca, e uma aula para os filhos dos seus associados. E ao socio tudo isto nada directamente lhe custou. Todas estas valiosas despezas representam apenas o lucro no consumo. São realmente admiraveis estes resultados e deverão servir de exemplo a novas tentativas.

O OCCIDENTE, publicando a gravura d'este palacio social, julga cumprir um dever, porque d'esta fórma presta uma homenagem de sincero louvor aos benemeritos administradores d'esta cooperativa.

mica operaria de uns traços mais largos da sua historia, tão sympathica e digna de narração. Ficará para um estudo mais especial e reflectido sobre as cooperativas portuguezas, instituições tão uteis e tão necessarias.

Costa Goodolphim.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

XIV EXPOSIÇÃO

(Continuação)

Idéas associadas; vêr coelhos ou fallar d'elles, lembra refeições appetitosas, e para isso cá temos «Um jejum de preceito», titulo ironico dado a um quadro de Marques Guimarães, em que o bello prezunto de fiambre apura o appetite para uma boa golada de vinho diaphano, orgulhosamente encerrado em elegante garrafa de crystal, e os fructos e as flôres dispostas em estimados pratos e jarras da India a completarem o *lunch* ou a merenda, que ambas as coisas póde ser,

Isto é tanto mais acceitavel quanto é bem escursado na perspectiva o rapaz que está deitado no chão

O tom d'este quadro é menos frio que outros; tem grande harmonia e sobriedade de colorido, e o mesmo se observa n'um magnifico retrato de senhora, que já deve ter visto desabrochar as rosas por bons sessenta maios.

Mais alguns quadros de flôres e fructos, onde distinguimos algumas camelias bem pintadas, completam a exposição do sr. Marques Guimarães, discipulo que foi da Academia Portuense e que cultiva varios generos de pintura com distincção.

Um outro discipulo da escola portuense, o sr. Marques de Oliveira, apresenta só um quadro; um pedaço de praia da Povoa de Varzim, onde se vê alvejarem as barracas dos banhistas que se espalham por sobre a branca areia. Alguns grupos bem compostos destacam-se sobre o fundo frio, proprio do logar e do tempo, e só nos contraría vermos um azul muito cru e falso nas aguas, que só poderia convir ao *mar azul* se o houvesse d'esta côr.

Não ha; mas tambem o não ha da côr e do estofo que o sr. Tomasini o pintou na sua copiosa collecção de quadros, e elle lá soffre sem protesto, com uma paciencia beatifica, que lhe amesquinhem a liberdade das suas ondas e lhe

JOAQUIM MARTINS DA CUNHA — Vidè artigo Fazenda Gratidão

(Segundo uma photographia)

mudem a côr natural para cinzento, quando o não transformam n'uma gruta negra que a lua não consegue illuminar no «Luar no Tejo».

Tetrico luar que não inspira poetas, o que não admira, porque o sr. Tomasini parece não ser facilmente impressionavel, nem mesmo quando lê Camões, e lá o confirma tentando interpretar:

«Quem a aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano;

e a gente olha e vê um navio de velas entufadas, parado no meio do *mar* do sr. Tomasini.

Mas esse navio é um galeão quinhentista.

Será.

Havia, e crêmos que ainda ha, um homem que estudou para padre, mas não chegou a tomar ordens, d'ahi chamaram-lhe o Padre Será.

Ao galeão parece-nos que lhe acontece o mesmo.

E se com a lua e com os Lusiadas o sr. Tomasini não conseguiu muito, com o resto dos seus quadros ainda conseguiu menos, pois que percorrendo toda a escala do cinzento não esqueceu a cinza de vides.

Oh as vides envolvem idéas muito mais consoladoras.

Vamos procurar na paizagem alguns tons mais alegres, que nos firam a retina tristemente acinzentada.

Para isso temos uma collecção de quatorze quadros, expostos pelo sr. Hygino de Mendonça. É uma feira que denuncia um grande productor.

Paizagens e marinhas; em todas domina uma ligeira nota de verde palido, mas que nem sempre prejudica o effeito da pintura.

Não especialisaremos um ou outro quadro; os pontos são em geral bem escolhidos, o desenho um tanto procurado, resiste aos exaggeros impressionistas, sem cahir nas durezas do mesquinho. Os quadros do sr. Mendonça são muito decorativos, e devem agradar á grande massa do publico se este em massa fôsse vêr a exposição.

Um outro paizagista, o sr. Queiroz, tambem apresenta uma soffrivel collecção de quadros, onde encontramos alguns animadores, o «Moinho» (Seixal) por exemplo, e mais os «Castanheiros» (Cintra), o que entretanto não absolve o auctor de uns exaggeros de refracção nas aguas na «*Silhouette* do Seixal» e de uns erros de perspectiva no «Pateo», sem fallarmos de um esbanjamento de verde no «Ao cahir da tarde».

Estas hesitações, quando acompanhadas de certas qualidades, só mostram que o auctor tem ainda pouco estudo, porque de resto afigura-se-nos que o sr. Queiroz, se continuar, será um artista.

E nem de todos se póde dizer isto.

De quantos!

Aqui está o sr. Arthur Napoleão, que nem ser homonyno do grande pianista, nem o apellidar-se como o grande capitão, terá a influencia necessaria para o fazer pintar uma *pochar* acceitavel.

Mas console-se o sr. Napoleão que tem companheiros. O sr. Prat não se sae melhor das suas tentativas. Nem o sr. Eduardo Teixeira que, além de umas paizagens infelizes, nos faz arrepiar nervosamente, com um retrato impressionista que, primeiro que nos impressionasse tão desagradavelmente, deve ter horrorisado muito mais o seu dono, que de certo o não mandará á sua namorada, se fôr dado a essas generosidades de amor.

Que differença entre um retrato d'estes e os retratos que o sr. Feliz da Costa expõe.

Poderiamos dizer que os extremos se tocam; o que uns tem de menos tem os outros de mais.

Sim, entre aquella cara pintada ou espotulada pelo sr. Teixeira com *terre de siene*, com duas enormes manchas brancas muito esterilantes no logar dos olhos, nem olhos nem oculos, e o acabado dos retratos do sr. Felix da Costa, cuidadosamente pintados, com grande limpidez, virginalmente ruborisados, ha um abysmo insondavel, tão insondavel como eu tambem sondo sobre aquella fresca côr rosada, que tanto convem ao retrato da menina Edith Banhos, como á cabeça veneranda do sr. Marius Roman.

Está n'isto a convenção; pois desprese a convenção sr. Felix da Costa, e pinte com mais verdade que os seus retratos, já muito razoaveis, chegarão ao realismo sem receio de se confundi-

AFRICA PORTUGUEZA — A FAZENDA GRATIDÃO — GRUPO DO PESSOAL

(Segundo uma photographia)

rem entre o prosaismo insensato de uma impressão falsa.

Sabemos o quanto soffre um pobre retratista, collocado entre as exigencias que lhes fazem os retratados e a critica da arte, mas como se não podem servir dois senhores ao mesmo tempo, acontece que para satisfazer o retratado tem muitas vezes que se descontentar a arte.

Mas a arte é tão bella quando produz a formosa Venus de Canova, como quando pinta o grotesco retrato de Bambocha.

O que se quer é a arte, porque ella é a natureza.

(Continúa.) *Xylographo.*

O VISCONDE DE JUROMENHA

V

Apesar do lisongeiro acolhimento obtido pela *Cintra pinturesca*, o visconde de Juromenha deixou passar muitos annos antes que se decidisse a voltar á imprensa. Todavia, não descansára. Não o contentavam esses primeiros louros. Não o encheram de desvanecimento, nem o fizeram saír da sua modestia. Elle, o que ambicionava, era lançar-se definitivamente ao estudo das obras de Camões, dos seus criticos e commentadores. De 1838 a 1859 foi esse o alvo constante de suas vigilias e de seus sonhos. Em 1859 mandava á Imprensa Nacional o original do primeiro tomo, e então por um sentimento intimo que todos comprehendem, parecia que não cabia em si de contente por tal resultado.

Uma ou outra vez, já mui instado por amigos e correligionarios, apparecia na estacada da imprensa politica da sua feição, o *Catholico*, a *Nação* e outras folhas de egual bandeira, não para terçar em pugnas partidarias e aggressivas, e alimentar paixões ruins, mas para desabafar e affirmar os seus sentimentos politico-religiosos, e o seu amor á patria, nunca desmentido.

Assim, em duas épocas differentes (1869 e 1870), extrahiu das folhas diarias citadas dois opusculos, que foram como duas profissões de fé, uma religiosa e outra patriotica: *Submisso protesto de um portuguez catholico*, dedicado ao papa Pio IX; e o *Isthmo de Suez e os portuguezes*, a proposito do canal de Suez. [1]

Na impressão das *Obras de Luiz de Camões*, que se comprehendem em seis grossos tomos, dispendeu o visconde de Juromenha dez annos (1860 a 1869). É o trabalho principal d'elle e um grande monumento erigido á memoria do egregio poeta. Não está isento de defeitos. Reconhecia-os o visconde e pretendia remedial-os.

Mas, perfeito ou defeituoso, representa os esforços e as averiguações de quasi um quarto de seculo; e teve, para mim, o altissimo merecimento de trazer para os estudos da biographia e da bibliographia de Camões novos elementos e alguns inteiramente desconhecidos.

D'esses elementos, o mais importante, por sem duvida, foi o que deu a data averiguada da morte do sublime poeta, um anno depois d'aquella em que fôra designada pelos antigos biographos e até pelos contemporaneos de Camões. Eis um serviço relevantissimo prestado ás letras.

Como serviço á patria, não o considero de menor valor, porque este trabalho, avivando o nome de Camões e da sua obra magestosa e gigantea *Os Lusiadas*, que em si consubstanciam as glorias da nação e são um crisol onde se apura o mais santo patriotismo, incitou novas manifestações, dentro e fóra do reino, em honra do glorioso epico; e fez talvez gerar a grandiosa idéa, que depois raiou e se expandiu, para o brilhante e commovente tricentenario. Sejâmos justos. Na gloria, que se distribuir por esse tão celebrado facto e tão digno de eterna memoria, não regateemos o quinhão que pertencer ao visconde de Juromenha. [2]

(Conclue). *Brito Aranha.*

[1] Na correspondencia que, por causa do artigo respectivo no *Diccionario bibliographico*, tomo x, tive com o visconde de Juromenha, resumi ahi o que me disse (pag. 156):

Que escrevera o folheto *Isthmo de Suez*, «levado de desinteressado amor á patria, ao ver a má figura que Portugal fazia na occasião da abertura do isthmo de Suez, festa onde nos era reservado o logar de honra, e onde não tivemos a representação de um unico portuguez, nem a mais pequena embarcação da marinha de guerra nacional a atravessar o canal, nem o nome de Vasco da Gama foi proferido quando o solo que cortavam fôra pela primeira vez beijado pelas prôas dos vasos commandados por seu intrepido filho D. Estevão da Gama».

[2] No tomo XIV do *Diccionario bibliographico*, que espero saírá brevemente, occupo-me de pag. 165 a 169 d'esta obra do visconde. Lá estão algumas observações que entendi dever fazer em beneficio dos estudiosos. Se reproduzisse aqui o artigo, não me chegariam duas columnas do OCCIDENTE e tornaria mais extenso este resumo biographico, que vae já saindo dos limites que tracei.

ANTONIO LOPES MENDES

E O SEU LIVRO «A INDIA PORTUGUEZA»

(Concluido do n.º 311)

Câmadhênú.—É a deusa gentilica do amor e uma das quatorze rotnâs. Tem como mostra o desenho, a fórma de vacca alada com geba e rosto de mulher.

Tendo pertencido a Angdias no acto da partilha das rotnâs, veio depois a ser possuida pelo brahmane propheta Visvá Carmá para o soccorrer na sua extrema pobreza.

Carmá, recebendo de Câmadhênú tudo quanto necessitava para si e sua familia, recommendou-a aos seus devotos, como um ente digno de adoração; e compoz diversos canticos em louvor das excellencias da sua protectora, os quaes ainda hoje o povo gentio recita com devoção diante das imagens em pedra, que se encontram em quasi todos os pagodes, ou diante de qualquer vacca, principalmente de côr preta.

Contam os hindús, que divulgando-se os beneficios que *Câmadhênú* prestava ao propheta Visvá, e chegando esta noticia ao conhecimento do rei *Sahasrassur*, parente de Carmá, viera esta um dia visital-o, para pessoalmente conhecer tão grande maravilha. Depois de satisfeita a sua curiosidade, Sahasrassur quiz retirar-se. O propheta pede-lhe que se demore em sua casa aquelle dia; o rei desculpa-se com a sua numerosa comitiva e com a falta de alimentação para tanta gente. Visvá responde que Câmadhênú forneceria todo o necessario. O rei accede ao convite, e vê a veracidade da affirmativa do seu parente.

Maravilhado com o que presenciava, cobiça o precioso animal, e pede a Visvá que lh'o ceda! Não podendo este deixar de sastifazer ao desejo do rei, por saber que uma negativa seria a sua sentença de morte, recorre a Vishnú, rogando o tire da difficil situação em que se vê, isto é, entre a morte, se recusa, e a miseria, se se priva de Câmadhênú.

Vishnú, ouvindo as preces do propheta, chama para junto de si Câmadhênú, que, á vista do rei e de toda a sua comitiva, sobe para o *Vaikuntá*.

Os hindús, mórmente os gugyres e brahmanes, adoram a vacca, e em seu louvor recitam uma oração no acto de se lavarem. Na hora derradeira da vida estes hindús tomam na mão direita a cauda de uma vacca, persuadidos de que na exalação do ultimo suspiro a alma passa para o corpo d'aquelle animal, que reputam ser a ultima transformação do homem; e que a vacca assim como a sua congenere Câmadhênú ha de subir a Moká, onde reside Brahmá levando comsigo a alma do finado.

É tal a veneração que estes gentios têem pelas vaccas que estabeleceram em differentes pontos do Industão asylos, onde são recolhidas e alimentadas juntamente com outros animaes domesticos abandonados.

Em Bombay existe um grande estabelecimento d'este genero, construido a expensas dos gugyres, brahmanes e parses. Este grandioso edificio pelos indigenas denominado *Dâramsallá*, é um extenso rectangulo com accommodações amplas, arejadas e devidamente apropriadas a cada especie de animal que ali entra, tendo no centro os alojamentos para os empregados d'este hospicio.

Os animaes que ali dão entrada ficam pertencendo ao estabelecimento de beneficencia, que lhes dá casa e alimentos até perecerem, mas aquelles que entram com o fim de serem tratados de qualquer enfermidade, são, depois de curados, restituidos a seus donos, pagando estes as respectivas despezas.

Quando em maio de 1871 visitámos pela segunda vez este notavel estabelecimento, vimos ali muitos animaes da especie cavallar, asinina, vaccum, ovina, caprina, um grande numero de gallinaceas e outras aves, e alguns macacos. A especie suina, condemnada pelos legisladores orientaes, não tem ingresso n'esta casa de beneficencia brahminica.

Bétal.—Este idolo é o deus gentilico da propagação. A esculptura que mostra a estampa, existe no pagode de Alorna, onde a vimos e desenhámos em 1863. É feita de granito pardo, e tem um metro de altura. Está com a bôca aberta, para significar que ha de engulir todo o mundo. Na mão esquerda tem a *lingá*, symbolo da propagação, e na direita uma espada para destruir o universo, quando soar a hora da aniquilação dos seres organisados, isto é, a *Maha pralaya*, ou grande destruição.

Os adoradores do Bétal seguem a seita nomeada *Lingaváto*, estabelecida por Sancarachary, e que ha 580 annos, proximamente, se introduziu em Carnate, estendendo-se depois aos reinos de Vizeapôr e Golconda.

Os hindús que professam as doutrinas de Sancarachary, adoram no *ruxy* ou santo Bétal a Máhadeu sob a invocação de Isparâ, e são obrigados a fazer uso diariamente de lavagens, sandalo e cucomb, e a trazerem como distinctivo uma pedra designada *lingá*, que, engastada n'um tubo de prata, oiro ou qualquer metal, trazem suspensa por um cordão ao pescoço ou ligado a um dos braços. Esta pedra tambem chamada *Lingavá de Isparâ*, symbolisa o orgão genital de Isparâ, o qual é considerado emblema da natureza fecundante.

Os sectarios de Lingavá, logo depois do nascimento de seus filhos, e precedidas certas ceremonias, lançam-lhes ao pescoço a lingá, e no caso de a perderem, são obrigados a não tomar alimento algum, emquanto não fôr substituida por outra.

Os bottos ou sacerdotes adoradores da lingá, chamados *zagamás*, são geralmente solteiros, e os poucos, que casam, só o pódem fazer com consentimento do seu respectivo suamy.

Não podem comer carne nem peixe, e admittem na sua seita toda a sorte de individuos sem distincções, precedidas algumas ceremonias e penitencias. Os homens podem casar com diversas mulheres, e a ceremonia do casamento consiste em fazer assentar os noivos a par um do outro, ligados por um nó dado com o *puruvem* do homem no panno da mulher, e em collocar, ao mesmo tempo que repetem orações, alguns grãos de arroz na testa dos nubentes.

Não comem diante de pessoas estranhas á sua seita, nem os homens em companhia das mulheres; vestem sempre pannos brancos, e quando morrem não são queimados, mas postos de cócaras dentro da cova com uma luz adiante de si, como já fizemos menção a respeito da familia dos reis de Sunda, que segue a seita de Lingava.

Os cones representados aos lados dos pés do Bétal são lingás de granito, com uma concavidade na base; iguaes a estas encontram-se em todos os pagodes, nas casas particulares, e pelas estradas, sendo algumas d'ellas feitas de barro. De todos os idolos hindús é a lingá o que tem mais adoradores, principalmente do sexo feminino.

A lingá, tambem denominada *Vana-lingá*, por ser o rei Vana o primeiro que a instituiu e ordenou a sua adoração, é similhante ao Priapo dos gregos.»

Principiámos por fallar do autor; não concluiremos sem de novo a elle nos referirmos.

Antonio Lopes Mendes nasceu em Villa Real a 30 de janeiro de 1835, e nos seus ascendentes poderemos encontrar Diogo Cam o ousado explorador dos mares africanos, que firmou a sua descoberta do Zaire com duradouros padrões de pedra, que Stanley e quejandos de balde tem querido encobrir com as suas calumnias e com os seus problematicos serviços á humanidade.

Vê-se, pois que Lopes Mendes, o aventuroso viajante, descende de um d'esses denôdados navegadores que tiveram a febre das descobertas geographicas, e que, como seu descendente, não preferiu as commodidades da vida patriarchal e monotona no recanto da sua provincia, dirigindo a lavoura das suas propriedades agricolas, aos incommodos, aos perigos e ás incertezas das viagens de exploração, atravez de climas extranhos, e de regiões inhospitas.

Foi com estas abnegações que se encheu um seculo de feitos brilhantes que assombraram o mundo pela audacia e pelo valor; é ainda com estas abnegações que no ultimo quartel d'este seculo os portuguezes vem relembrar as epocas passadas, proseguindo nas suas viagens e explorações, continuando a mesma missão civilisadora que ha quatrocentos annos principiaram e que nenhum outro povo inda conseguiu egualar.

A primeira viagem de Lopes Mendes, de que um seu biographo nos dá noticia, [1] foi dentro do paiz, fazendo parte de uma excursão agricola ao norte do reino, ordenada pelo governo.

Logo n'essa viagem Lopes Mendes foi além da sua missão official, revelando os seus dotes de artista, o seu espirito investigador, desenhando na sua carteira de viagem as paisagens os edificios, os costumes das terras que percorreu, e recolhendo noticias d'essas povoações, complemento dos desenhos copiados do natural.

[1] *Portugal Antigo e Moderno*, etc., artigo Villa Real, vol. x, pag. 1031 a 1034.

Parte d'esses desenhos acompanhados de interessantes descripções, escriptas em linguagem pura e despretenciosa, encontram-se nas paginas do «*Archivo Pittoresco*».

Isto fazia Lopes Mendes durante o tempo que os seus estudos agricolas deixavam vago, e estes não pouco o absorviam desempenhando commissões officiaes do Instituto Agricola, onde chegou a exercer o professorado e d'onde sahiu em 1862, por nomeação do governo, para a India portugueza, encarregado de coadjuvar o conde de Torres Novas, governador então d'aquelles estados, no seu empenho de melhorar alli a agricultura.

Lopes Mendes partiu para esta commissão com o enthusiasmo e a fé da idade viril, e pôz ao serviço da patria todo o seu saber e toda a sua intelligencia, nas variadas commissões de que lá foi encarregado, e que lhe mereceram a confiança e os louvores dos governadores que, durante o longo periodo de nove annos, governaram os estados da India.

Foi durante este tempo, que Lopes Mendes poude colher os valiosos subsidios com que formou o livro de que nos occupamos, e que hoje corre impresso com grande proveito e honra para as letras patrias.

O grande conhecimento que adquiriu da India, fel-o justamente ser proposto deputado por um dos seus circulos, e n'essa qualidade veiu eleito ás côrtes em 1879.

Depois de regressar da India visitou o Bussaco, e sobre esta deliciosa estancia publicou o seu livro intitulado «O Bussaco» illustrado com desenhos seus feitos do natural.

Em 1881 fez parte da expedição scientifica que, sob a protecção do governo, foi enviada pela Sociedade de Geographia de Lisboa, á serra da Estrella. N'esta viagem, como nas outras, fez farta colheita de desenhos na sua carteira, destinados a illustrarem o relatorio, que a respeito da mesma expedição, se acha em via de publicar.

Em 1883 emprehendeu uma viagem ao Brazil, feita a espensas suas. Percorreu o Amazonas, grande parte do Brazil, o Perú e outras republicas argentinas, e os subsidios que colheu devem formar uma obra ainda mais volumosa que «A India Portugueza». O OCCIDENTE publicou então algumas cartas de Lopes Mendes enviadas de differentes pontos do Brazil, e acompanha-as com desenhos copiados de *croquis* feitos pelo mesmo auctor e que fazem parte da grande collecção de desenhos que de lá trouxe.

Estamos certos que se os estreitos laços de familia o não prendessem hoje á existencia de um filho estremecido, que reclama todas as suas attenções, Lopes Mendes não se deixaria ficar quêdo no meio d'esta febre de explorações geographicas que hoje domina muitos espiritos, e lá iria tentar novas escursões, devassar outros paizes e contar-nos d'elles, na sua linguagem suave e attrahente.

C. A.

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A NETA DO TIO TORQUATO

(Continuado do n.º 311)

III

Estavamos ali bem, e para nós ainda era cedo. Uma brazeira mantinha uma excellente temperatura na casa de jantar, forrada de papel com paizagens exoticas, cheias de figuras com longos bigodes e grandes rabichos, todas munidas de pintalgados chapeus de sol, as quaes justificavam o apparatoso nome de *sala dos mandarins*, com que o nosso hospedeiro a baptisara; e emquanto aquelles habitantes do celeste imperio conservavam as suas posições, regando flores, apanhando borboletas, e tomando chá, nós preparavamo-nos para a lide venatoria, saboreando um primoroso tinto com muitos annos de casa, e que só apparecia em dias de festa—dando occasião a que o nosso companheiro dos trocadilhos commettesse mais um, dizendo que os mandarins n'aquelle momento eram duas vezes pintados, porque assistiam ao banquete, e não provavam nada.

—Já sabem—disse o dono da casa—que o Torquato é o nosso guia amanhã. Elle conhece por ahi todos esses pinhaes a palmos, e o diabo do homem parece que até adivinha onde está a caça! Ah! é verdade, quero prevenil-os d'uma coisa: a primeira perdiz que cair é para elle, e se não se matar senão uma, essa mesma será para elle: é o costume. Os meus amigos, que veem cá pela primeira vez, não se esqueçam d'isto. Aqui nas vinhas ha muitas, e nós, antes de chegarmos aos pinhaes, vamos encontral-as.

—Está dito—responderam todos.

—Que velho tão vigoroso!—observei eu. D'isto só se encontra cá no campo.

—É verdade, está rijo e são como um pero. Hão de vel-o amanhã, e preparem as pernas, que elle é homem para os pendurar á cinta. É um excellente companheiro. Conta historias, toca guitarra, dança com as raparigas, joga o pau com os rapazes, o demonio. É, como elles cá dizem, d'uma canna. Pois não tem levado boa vida! Umas territas, que tinha ahi para cima, vendeu parte d'ellas, para livrar o irmão de soldado, e o resto levou-lh'o a justiça, ainda por conta do tal irmão, que era desordeiro e matou um homem na Azambuja. Mas não lhe fallem n'isso, que elle não gosta, e responde logo que tristezas não pagam dividas.

—Tem familia?

—Teve. Eram muitos, mas hoje é só elle e a neta, a Izabelinha, que é a menina dos seus olhos. E é galante, a rapariguita. Sae á mãe, que foi uma das mais bonitas moças cá dos sitios. Ha familias infelizes, a do Torquato é uma d'ellas. Tiveram de seu, e hoje não teem nada: eram muitos, e estão reduzidos a dois—elle e a pequena.

Os affectos d'aquelle homem, que vivera sempre para os seus, estavam agora concentrados n'aquella creança, que representava toda a sua familia. Orphã á nascença, serviu-lhe elle de ama sêcca, e era agora o seu unico protector no mundo.

—Vivo só, porque não quero que m'a tratem mal. Isto, quem não é do nosso sangue, não sente—dizia elle, quando alguem notava o isolamento, em que resolvera passar os seus ultimos dias. Se ella chegar a mulher, achará quem a ampare, e se morrer antes d'isso, não precisa de ninguem, e eu tambem não, porque não ficarei cá muito tempo.

Nas festas rusticas era notado o apuro e quasi garridice com que se apresentava a neta do Torquato. Elle, todo orgulhoso, regosijava-se de ouvir os gabos, que faziam á pequerrucha, e, coisa singular, á proporção que ella ia crescendo, augmentava tambem o esmero do trajo do avô.

—Tio Torquato—diziam-lhe as mães—voce está cada vez mais taful!—Parece um noivo! Que lindo par!

—Sim, senhora, noivo cá da Izabelinha. Não quero que ella se envergonhe de sair comigo:—respondia elle, mirando e remirando a neta, e compondo-lhe o lenço e a gola de rendas, que lhe comprara em Lisboa.

—É doidinho pela pequena—observava uma viuva do logarejo nas conversas do soalheiro. Se não fosse ella, tinha elle já casado outra vez. Aposto que sim.

—E tinha, affirmava outra. Não era admiração nenhuma: ha ahi rapazes que não são para se comparar com elle, e mais é velho. Não faltava quem o quizesse...

Elle, o avô, ouvia estas conversas, mas ia andando o seu caminho com a sua Izabelinha, e deixava fallar o mundo. Não precisava para si e para ella, como elle dizia, senão de saude e da graça de Deus.

Tudo isto nos foi contando o nosso amigo, emquanto o fogo esmorecia lentamente na grande brazeira.

Quando nos fomos deitar, ia eu pensando na vida d'aquelles dois entes, n'aquelle poema singelo e obscuro, vivido entre as quatro paredes d'um casebre rustico, e de que eram protagonistas um velho e uma creança... A aurora e o pôr do sol—os dois extremos da vida.

IV

Dera-me bem na primeira excursão a A. e nos annos seguintes voltei ali muitas vezes. A belleza alpestre da paizagem, a abundancia de caça, a facilidade das communicações, os convites instantes d'um amigo, tornaram-me freguez, e quasi habitante da pittoresca villa. Torquato fizera-se tambem meu amigo, e eu nas minhas excursões venatorias ia ficar a casa d'elle, quando o meu hospedeiro estava em Lisboa. Sympathisara com aquella gente: gostava d'aquelle viver simples, quasi patriarchal.

Ao romper da manhã já o velho caçador estava a pé, e apparecia-me no quarto vestido de ponto em branco, com o seu trajo de campino—sapatos de prateleira, meias de lã, calção de panno côr de pinhão, collete forrado de vermelho, e no collarinho da camisa, alva como a neve, dois botões de prata. A esta *toilette* habitual accrescentava elle, quando ia caçar, umas polainas de coiro, e uns ceifões de pelle de cabra. Assim vestido, era extremamente pittoresco: nunca trajara d'outro modo.

—Lenha verde não se accende.

Quem muito dorme, pouco mata.

Gritava elle logo que entrava, e ao mesmo tempo ia abrindo a janella com grande ruido.

—Esse não é o verso, replicava eu, descerrando a custo os olhos deslumbrados pela luz, que me dava de chapa.

—Não será o verso, mas é verdade—e Torquato punha-se a rir, porque se lembrava d'uma anecdota hespanhola, que eu lhe contara.—Vamos, a pé, seu mandrião lisboeta, parece-me que não dormiu mal! Aqui tem para espertar—e apresentava-me um copo de agua-ardente capaz de derreter gelo.

—Está uma manhã boa a valer: nós vamos ainda apanhal-as a voltarem-se para o outro lado.

—Quem?

—Quem! ora essa! as galinholas! Então quem havia de ser? Vamos, olhe que o tempo passa. Em descobrindo o sol, ellas governam-se d'outro modo, e mandam-nos passeiar. Bem sabe que em aquecendo o tempo andam de levante, e vão-se a pés que nem perdizes.

Emquanto durava este dialogo, Izabelinha andava já no trafego caseiro, tratando dos aprestos do almoço, e quando eu terminava a minha *toilette* de caçador, mais complicada do que a d'um *dandy*, lá se ouvia tambem na cosinha a voz de Torquato cantarolando, ao passo que dava as ultimas voltas a uma açorda á alemtejana, de cortar á faca, feita com o pingo da carne de porco, e que era deliciosa, e altamente apreciada pelos nossos profundos e insaciaveis appetites, medrados com o bom ar do pinhal e um exercicio de quatro ou cinco leguas por dia. Não eram esquecidos n'esta labutação culinaria os nossos queridos auxiliares, os perdigueiros:—a gentil patrôa preparava-lhes uma sopa, que elles devoravam com manifesta satisfação, patenteada pelas regulares ondulações das respectivas caudas.

A nossa mesa era um brinco. Sobre a toalha de linho alvissima destacavam os pratos de fundo branco, orlados de côres vivas—industria nacional—tão limpos, que pareciam sempre novos, ladeados por umas colhéres de estanho, luzentes como prata; as canecas côr de castanha, das Caldas, para o café, e os copos altos, em que ia espumar um vinho encorpado, negro retinto,—a que chamavamos veludo—e que estava n'um garrafão, que com a magestade do seu enorme bôjo parecia presidir ao nosso modesto almoço.

As paredes muito caiadas, a brancura da toalha, o asseio que ali se notava em tudo, e que parecia ser o reflexo exterior da alma d'aquellas duas creaturas; o ar puro e refrigerante da manhã que entrava pela janella e nos banhava os pulmões; aquella primeira luz incerta, que já não é o crepusculo mas que ainda não é o dia; o canto das aves, que principiava a ouvir-se, tudo isto dava ao meu espirito uma sensação singular de frescura, de castidade paradisiaca, de alheamento do mundo e por vezes, n'esse momento, eu surprehendia-me a desejar viver ali sempre, n'aquelle quasi isolamento, emquanto durasse o casamento mystico d'aquelles dois corações, que se alimentavam do seu mutuo affecto!

Devorada a açorda, condimentada com umas rodas de paio, tudo largamente regado com uns bons tragos do famoso veludo, seguia-se o café, e, accesos os cigarros, partiamos para o campo.

Era assim a nossa vida n'esses dias alegres, deliciosos, em que a gente parece estar em communhão intima com a natureza, verdadeira realisação da antiga e profunda fabula do Anteu.

V

Ha uma especie de individuos, uns gordos, muito gordos, outros magros, muito magros, lymphaticos, escrophulosos, tristes, cheios de rheumatismos e de exostoses—invalidos e veteranos inglorios das batalhas da vida—que costumam exercer a sua minguada veia humoristica, reeditando velhos e rançosos gracejos sobre a caça e os caçadores.

Desgraçados, a quem um passeio a Buenos-Ayres inspira serios receios e deixa tristes recordações nos inchados artelhos e nos apopleticos joanetes, que prazer teriam elles, se podessem ao romper da manhã, sair do tugurio campestre, respirar o ar fresco e oxigenado dos campos, e saudar do alto da serra, com a espingarda ao hombro, o nascer do sol, ouvindo perder-se no ar a ultima nota do canto da cotovia!

(Continúa).

Zacharias d'Aça.

NOVO EDIFICIO DA CAIXA ECONOMICA OPERARIA, NA RUA DA INFANCIA

INAUGURADO EM 15 DO CORRENTE — (Desenho do natural por J. R. Christino)

RESENHA NOTICIOSA

ENTREVISTA DOS IMPERADORES DA ALLEMANHA E DA AUSTRIA. Realisou-se no dia 6 do corrente, em Gastein, a entrevista annual dos imperadores Guilherme da Allemanha e Francisco José da Austria. O encontro dos dois imperadores foi o mais affectuoso possivel; jantaram em companhia de altos funccionarios que convidaram, e terminado que foi o jantar, os imperadores ficaram sós conversando até ás 10 horas da noite. O imperador da Austria deixou Gastein no dia 7, depois das mais cordeaes despedidas dos dois monarchas; o imperador da Allemanha, no dia 10 já estava em lalzburgo. Vê-se que este anno o imperador Alexandre não veiu á entrevista, o que não deixa duvidas sobre a alliança da Russia com a França, mau grado da Allemaha e da Austria.

PANORAMA DO NIAGARA. O pintor francez Philipoteaux, autor de um magnifico panorama de Paris, está pintando um panorama do Niagara para ser exposto em Londres.

S. A. O INFANTE D. AUGUSTO. Regressou a Lisboa no dia 13 do corrente, S. A. o infante D. Augusto da sua viagem a Hespanha, onde foi muito bem recebido nas terras que visitou.

UM BROCHE PARA LEÃO XIII. As damas de Sevilha offereceram a Sua Santidade o papa Leão XIII um riquissimo broche de prata para capa magna. A preciosa joia é formada por quatro semi-circulos de brilhantes unidos, tendo ao centro uma esmeralda e rodeando o monogramma de Leão XIII engastado em diamantes rosas de Hollanda.

BULGARIA. Depois das maiores difficuldades politicas, acha-se emfim estabelecido em Tirnova o principe Fernando Coburgo, o qual acaba de dirigir ao paiz um manifesto em que declara que, tendo sido eleito soberano pela unanimidade dos representantes da nação bulgara, considera seu dever consagrar a sua vida á felicidade do paiz.

Parece, porem, que esta não será a ultima palavra sobre a estabilidade politica do throno da Bulgaria.

NOVA DOENÇA DAS VINHAS. Manifestou-se em França uma doença nova nas vinhas, que se denomina *black-rot* ou *pôdre negro*, traducção litteral, e que é oriunda da America onde tem feito grandes estragos. Alguns cachos enviados de Agen ao ministerio da agricultura em Paris, fizeram reconhecer a existencia d'aquelle mal, o qual se manifestou tambem nos valles de Hérault e da Garonne, Bachéve e nas proximidades de Nerac. Supõem-se, porem, que esta molestia appareceu pela primeira vez em França ha dois annos. O mal principia por uma pequena mancha escura que apparece nos bagos, e que rapidamente se alastra e invade todo o cacho, enrugando-o. Ao fim de 48 horas o cacho está perdido, completamente secco, de um negro violaceo, coberto de pequenas pustulas pretas como grãos de polvora, e cahe inteiro ou em pedaços. As folhas amarellecem, enrugam-se e cobrem-se de pintas negras. Já se estuda o meio de combater o mal tendo-se feito ensaios com saes de cobre, mas sem resultado. A grande quantidade de cepas importada da America é que deve ter introduzido esta molestia na França.

ALFREDO HENNEQUIN. Falleceu em Saint-Mandé Alfredo Hennequin, autor dramatico francez, de que o publico portuguez teve occasião de ver algumas das suas producções nos nossos theatros. Alfredo Hennequin nasceu em Liège, em 1842, e morreu victima do excesso de trabalho a que se entregava.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diccionario Universal Portuguez Illustrado *linguistico, scientifico, historico, geographico, chronologico, biographico, litterario, poetico, mythologico, bibliographico, artistico, industrial, technologico, etc.* editado e dirigido por Henrique Zeferino de Albuquerque, Lisboa. Fasciculo 90 com que termina o segundo volume e primeira parte de letra *b* que alcança até bandeia. Este fasciculo publica um extenso artigo sobre o Bandarra, que é muito curioso.

As Farpas, de Ramalho Ortigão, David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculo 9 e 10 com que dá principio o tomo II que tem o sob-titulo de «As Epistolas».

Francisco Luiz Gomes *noticia biographica e retrato d'esse eminente publicista indio*, por Carlos Fragoso da Costa; Bombaim. Um pequeno folheto de 18 paginas, em que o autor faz o panegyrio do notavel indiano, que a morte tão cedo roubou ás lides da imprensa e da politica, aniquilando uma intelligencia superior.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi editor, Lisboa. N.º 146. *Methodo de Inglez* por José da Silva Teixeira, professor de linguas, no Porto. Este livrinho completa o n.º 118 Grammatica Ingleza, facilitando, portanto, o estudo d'esta lingua.

Magnolia, *poema em prosa*, original de Manuel Lorenso d'Ayot, de la Academia Mont-Real de Toulouse, Madrid, etc. 1887. Pequeno poema, em que o protogonista, conde Ulrico, um apaixonado dilirante, se sente atrahido para as aguas de um lago por Magnolia, formoso espectro nascido do perfume d'esta flôr, e n'ellas se abysma em busca da fugitiva visão. O autor d'este poema tem publicado uma serie de obras poeticas, que tem feito o seu nome festejado na Hespanha.

Origens de Anexins, Proloquios, *locuções populares, siglas, etc.* pelo dr. Castro Lopes, Rio de Janeiro, typ. e lith. Moreira Maximino & C.ª 1886. Este volume comprehende a 1.ª e 2.ª serie dos *Anexins*, obra de que já tinhamos noticia, mas que só agora nos chega á mão, enviada pelos srs. Moreira Maximino & C.ª O sr. dr. Castro Lopes reunindo em volume os anexins e proloquios da lingua portugueza, dispersos por varias publicações e alguns ainda não comentados, fez um livro extremamente curioso e util para o estudo da lingua portugueza.

Poemas e Idyllios, de Rodrigo Octavio. Rio de Janeiro, typ. e lith. Moreira Maximino & C.ª, 1887. Não encontramos nos versos do sr. Rodrigo Octavio a expontaneidade dos grandes poetas, mas a difficuldade com que mede o verso e consegue a rima, talvez a domine com o tempo e estudo. A edição é magnifica.

Relatorio da Associação Industrial Portugueza e parecer da commissão de contas, 1887. Este relatorio dá conta do movimento d'esta associação no anno proximo passado de 1886. Esta associação fundou-se com os elementos ainda existentes da Associação Promotora da Industria Fabril, e iniciou os seus trabalhos por promover a futura exposição industrial que no proximo anno de 1888 se deve realisar na tapada da Ajuda.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa